

Como uma efeméride

Durante o banho, nossos corpos encharcados sob o forte jato do chuveiro embebedava minha mente amante. Adorava sentir suas mãos macias ensaboando-me com carinho, acariciando meu corpo desnudo e excitando meu “eu” animal numa frenética mistura de idolatria, desejo, charme, sensualidade e irrequieta sedução. Após uma longa noite de amor regado a sexo, volúpia e lubricidade nossos corpos entrelaçados descansavam no sono digno do repouso de guerreiros numa peleja de amor.

Adorava fazer o desjejum ouvindo-a com voz aveludada, chamar-me de seu “*don juan*”, referindo-se à minha incansável busca por mulheres, as mais variadas. Dizia-me, sussurrando com carinho, ser eu o dono de seu coração.

Adorava quando ela se tornava taciturna, pisando nos beijos, *emburrada* comigo, quando não compartilhava com ela seus carinhos. Nada que um beijo cinematográfico não quebrasse o gelo do momento. As línguas entretidas e exploradoras aventuravam-se em nossas bocas enlouquecidas e acabava *desamarrando o burro*, tornando-se ela a amante contumaz, acintosa e única naquele momento. E o fogo da paixão espalhava-se pela nossa pele, exalando amor por todos os poros. E tudo começava outra vez. E outra e outra!

E deixava-me enlouquecido quando colocava aquele floreado vestido curto, deixando suas belas pernas à mostra, bem acima dos joelhos. O colo aparente, com o decote exalando a paixão, mostrando a pele clara combinando de forma admirável com seus cabelos dourados. Seus gestos sensuais inebriavam meus pensamentos numa mistura de alienação e insanidade de amor.

Mas logo, como sempre, tudo acabou... Pena!